



Depois de percorrer várias capitais na Europa, Cristovam Buarque convenceu comunidade internacional a expandir o programa que beneficia famílias que mantêm filhos na escola

Unesco quer Bolsa Escola mundial

Diretor do fundo das Nações Unidas para educação e cultura pretende dar início na Guatemala ao projeto do governo Cristovam

Anamaria Rossi
Da equipe do **Correio**

O governador Cristovam Buarque saiu de Brasília com uma idéia na cabeça e alguns folhetos na mão. Voltou com o embrião de um fundo internacional que pode levar aos quatro cantos do mundo o programa número um de seu governo.

O diretor-geral da Unesco, Federico Mayor, lançará a pedra fundamental do Fundo Mundial da Bolsa Escola. Entusiasmado com a proposta de Cristovam de criar um "caixa" internacional para financiar o programa em países pobres, Mayor vai propor na 29ª Conferência Geral da Unesco, que se realiza em Paris, duas medidas fundamentais para concretizar o sonho de Cristovam.

A primeira delas tem um impacto conceitual: incluir no relatório final da conferência a recomendação para a adoção do programa. A outra tem impacto financeiro e quase imediato: destinar, no próximo orçamento da Unesco, recursos para inaugurar o Fundo da Bolsa Escola.

O primeiro país a adotar o programa, como projeto-piloto, pode ser a Guatemala. A proposta será feita pelo próprio diretor-geral da Unesco em conversa com o presidente guatemalteco na próxima semana. "A Guatemala pode ser o Paranoá do Planeta", entusiasma-se o governador, lembrando que o projeto-piloto da Bolsa Escola ocorreu no Paranoá.

A idéia do governador é de que a Bolsa Escola internacional tenha

valor médio de US\$ 40, metade financiada pelos governos de cada país e a outra metade pelo fundo. O "caixa" seria composto de recursos de organizações como Unesco, Unicef e Organização Internacional do Trabalho (OIT), entre outras, mas seria ancorado, de fato, por volumosas doações de empresários de grande porte dos quatro cantos do mundo.

Para isso Cristovam ainda precisa encontrar um líder de apelo internacional que aceite ser o garoto-propaganda do programa. Já tentou — e continuará tentando — seduzir o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter com a idéia e não desiste, também, de convencer o presidente Fernando Henrique Cardoso a adotá-la e divulgá-la — não como programa de renda mínima, mas como proposta social e educacional.

EMBRIÃO

Nem com todo o seu otimismo em relação ao programa, o governador Cristovam Buarque espera-

va tamanha repercussão de sua peregrinação de dez dias pela Europa para colocar a Bolsa Escola na agenda mundial. Aplaudidíssimo na Conferência da Unesco, recebido por uma trilha de cardeais, pelo presidente da Itália e pelos diretores gerais de três organismos internacionais (OIT, Unesco e FAO) e finalmente abençoado pelo Papa, Cristovam não cabe em si de contentamento.

Mas o que agradou mesmo o governador foi descobrir novos argumentos para "vender" sua idéia. Primeiro: a Bolsa Escola é um instrumento poderoso de combate ao trabalho infantil, que só no Brasil faz 3,5 milhões de vítimas. Por este ângulo o programa agrada a OIT e pode atrair os países do primeiro mundo interessados em acabar com a concorrência dos tigres asiáticos que exportam produtos a preço de banana às custas do trabalho mal remunerado de crianças. Segundo: a Bolsa Escola pode ser usada pela Igreja, especialmente a conserva-

dora, para agregar a família — instituição em crise em todo o mundo.

"Essa viagem foi diferente das outras", observa o governador. "Não fui com empresários nem buscar investimentos. Fui levar uma idéia de Brasília para ser repetida no mundo, onde for preciso. Ainda que não consigamos colocar todas essas pessoas juntas, vamos colocar algumas delas, que viabilizarão o fundo", continua.

Para não perder o fio da meada, Cristovam prepara um documento que será enviado a prefeitos de capitais européias, lideranças religiosas, políticas e empresariais dos quatro cantos do mundo, relatando a repercussão de sua "pastoral" pela Bolsa Escola e convidando-os a unir esforços pela criação do fundo. Com o presidente do Banco Mundial Cristovam deve falar pessoalmente. Mais do que nunca, depois de tantos encontros, ele está convencido de que uma conversa olho no olho é fundamental.